

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

4º BIMESTRE

AUTORIA

SUZANA DE SOUZA SANTOS

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

O Texto Gerador I é um fragmento do capítulo I do romance *O Cortiço*, gênero textual previsto para este bimestre. Neste trecho, é relatado como João Romão fez fortuna e, também, o início do seu relacionamento com Bertoleza.

I

João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro.

Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lha, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade.

Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria. Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta.

João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. Abriu-se com ele, contou-lhe a sua vida de amofinações e dificuldades.

“Seu senhor comia-lhe a pele do corpo! Não era brinquedo para uma pobre mulher ter de escarrar pr’ali, todos os meses, vinte mil-réis em dinheiro!” E segredou-lhe então o que tinha juntado para a sua liberdade e acabou pedindo ao vendeiro que lhe guardasse as economias, porque já de certa vez fora roubada por gatunos que lhe entraram na quitanda pelos fundos.

Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais. Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira, quando precisava de dinheiro para qualquer coisa, dava um pulo até à venda e recebia-o das mãos do vendeiro, de “Seu João”, como ela dizia. Seu João debitava metodicamente essas pequenas quantias num caderninho, em cuja capa de papel pardo lia-se, mal escrito e em letras cortadas de jornal: “Ativo e passivo de Bertoleza”. [...]

VOCABULÁRIO

Ardor: s.m. Calor intenso: **ardor** do sol.

Alforria: s.f. Liberdade concedida pelo senhor ao escravo; libertação.

Estrompado: Cansado, estropiado e fatigado.

Escarrar: v.i. Expelir o escarro, cuspir. V.t.

Expelir: pela boca: **escarrar** sangue.

Labutação: v.i. Trabalhar, lidar, laborar: labuta de sol a sol. Lutar, empenhar-se, esforçar-se.

Pecúlio: s.m. Dinheiro acumulado por economia; bens.

Taverna: b.f.(a) Boteco onde se consome bebida alcóolica.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

Ao longo do bimestre, estudamos descrição objetiva e descrição subjetiva. Entendemos que a descrição objetiva ocorre quando a personagem, o fato, o lugar são apresentados de forma o mais próximo possível da realidade concreta, por meio da exatidão de detalhes e precisão de vocábulos. A opinião do observador não é levada em conta. A descrição subjetiva é fortemente influenciada pela opinião de quem descreve, podendo ou não distorcer a realidade. A personagem, o fato, o lugar são descritos conforme ele é visto na perspectiva de quem narra.

Leia o trecho abaixo:

“Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria. Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta.”

Com base no que você leu, responda, qual tipo de descrição predomina no trecho? Justifique sua resposta.

Habilidade trabalhada

Diferenciar a descrição objetiva da subjetiva.

Resposta Comentada

A descrição que predomina no trecho acima é a descrição objetiva, apesar de haver momentos em que a opinião do narrador aparece. Observe as seguintes passagens *superior às suas forças* e *como uma besta*, neste trecho, percebemos que os dois comentários são a opinião do narrador. Mesmo assim, o que predomina é a descrição objetiva.

QUESTÃO 2

Nem sempre temos o dicionário ao nosso alcance para identificar o significado das palavras. Mesmo assim, temos condições, através do contexto, de inferir os significados dos vocábulos.

Na passa abaixo, identifique o sentido do vocábulo que está em negrito.

*João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. Abriu-se com ele, contou-lhe a sua vida de **amofinações** e dificuldades.*

Habilidade trabalhada

Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto em que são usadas.

Resposta Comentada

Nessa questão, a partir da narrativa das condições de vida da personagem Bertoleza, o aluno irá entender que ela não tinha uma vida fácil, dadas também as condições de escravidão em que vivia. Se hoje é difícil a mulher negra viver, imagine naquela época como era. Levando o discente a entender isso, não será difícil inferir que amofinações é preocupações.

TEXTO GERADOR II

O Texto Gerador II é a continuação do primeiro capítulo do romance *O Cortiço*.

E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direito a João Romão.

Quando deram fé estavam amigos.

Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.

João Romão comprou então, com as economias da amiga, alguns palmos de terreno ao lado esquerdo da venda, e levantou uma casinha de duas portas, dividida ao meio paralelamente à rua, sendo a parte da frente destinada à quitanda e a do fundo para um dormitório que se arranjou com os cacarecos de Bertoleza.

Havia, além da cama, uma cômoda de jacarandá muito velha com maçanetas de metal amarelo já mareadas, um oratório cheio de santos e forrado de papel de cor; um baú grande de couro cru tacheado, dois banquinhos de pau feitos de uma só peça e um formidável cabide de pregar na parede, com a sua competente coberta de retalhos de chita.

O vendeiro nunca tivera tanta mobília.

— Agora, disse ele à crioula, as coisas vão correr melhor para você. Você vai ficar forra; eu entro com o que falta.

Nesse dia ele saiu muito à rua, e uma semana depois apareceu com uma folha de papel toda escrita, que leu em voz alta à companheira.

— Você agora não tem mais senhor! declarou em seguida à leitura, que ela ouviu entre lágrimas agradecidas.

Agora está livre. Doravante o que você fizer é só seu e mais de seus filhos, se os tiver. Acabou-se o cativo de pagar os vinte mil-réis à peste do cego!

— Coitado! A gente se queixa é da sorte! Ele, como meu senhor, exigia o jornal, exigia o que era seu!

— Seu ou não seu, acabou-se! E vida nova!

Contra todo o costume, abriu-se nesse dia uma garrafa de vinho do Porto, e os dois

beberam-na em honra ao grande acontecimento. Entretanto, a tal carta de liberdade era obra do próprio João Romão, e nem mesmo o selo, que ele entendeu de pespegar-lhe em cima, para dar à burla maior formalidade, representava despesa porque o esperto aproveitara uma estampilha já servida. O senhor de Bertoleza não teve sequer conhecimento do fato; o que lhe constou, sim, foi que a sua escrava lhe havia fugido para a Bahia depois da morte do amigo.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 3

Após a leitura do romance, haverá um debate entre os alunos, o professor de língua portuguesa e o professor de História. Lembre-se: leia o livro e venha com as suas perguntas prontas.

Agora vamos produzir uma narrativa. Para isso, vamos nos dividir em cinco grupos. Cada grupo será responsável por uma parte do romance. O primeiro grupo ficará com a introdução; o segundo, com a complicação; o terceiro, com o clímax e o quarto com o desfecho. O quinto grupo terá a missão de identificar e corrigir as dificuldades ortográficas recorrentes.

Temos que nos atentar para o tema. Você pode usar como temas a questão dos menores de rua ou outra de sua preferência. Lembre-se de ambientar o texto com o período histórico da época.

Habilidade trabalhada

Produzir coletivamente um texto narrativo cuja estrutura se aproxime do romance.

BIBLIOGRAFIA

CURRÍCULO MÍNIMO 2012/ **Língua Portuguesa E Literatura**. Governo do Estado do Rio de Janeiro Secretaria de Estado de Educação.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Bom Livro).

Apostila do curso de formação continuada da secretaria de educação do estado do rio de janeiro fundação cecierj. Orientações pedagógicas

Romance, 9º Ano do Ensino Fundamental / 4º Bimestre / 2º Ciclo 2012.